

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III - Número 883

Sabado, 8 de Outubro de 1921

PREÇO 5 CENTAVOS

REDATOR PRINCIPAL - ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor - CARLOS MARIA COELHO

Redacção, administração e tipografia, Calçado do Combro, 38-A, 2º

Lisboa - PORTUGAL

Endereço telegráfico Talhava-Lisboa - Telefone 5339

Oficinas de impressão - Rua da Atalaia, 114 e 115

Cadeia do Limeiro

Vai ser estabelecido o pão único

Assim o declara a A BATALHA o sr. Aboim Inglês, ministro da Agricultura

Publicou ontem A Batalha uma carta de Guilherme de Castro, onde se relata o regime prisional infame que se adopta na Cadeia do Limeiro para os presos.

Não é a primeira vez que os protestos dos encarcerados naquela Bastilha, que a Revolução Emancipadora deverá abater, se fazem ouvir pelo nosso público, excepto, é claro, por aquelas entidades que deviam escutar sempre com atenção estes clamores.

Ninguém ignora, pois, que a Cadeia do Limeiro não é habitável. Os que lá estão e os que por lá tem passado, ficarão por toda a vida com uma impressão dolorosa gravada na sua mente.

Relatava-nos o camarada que nos escreveu que um tal «Correia Baixo» tratava a sua companheira desrespeitosamente, daquela mesma maneira que ele costuma tratar os presos. Conta-nos ainda o nosso correspondente que o Limeiro não se observa a menor medida de higiene.

Não basta, pois, encontrar-se uma pessoa injustamente presa — porque no nosso pensar todas as prisões são injustas — como ainda, por cima, se é vexado por qualquer animal a quem vestem uma farda ou dão o título de autoridade.

Diz a burguesia, com muita piada, (a burguesia sempre tem coisas...) que as prisões se erguem para regenerar os que prevaricam. E, caso também com muita graça, dolorosa graça, na maioria das vezes encerra nas prisões exactamente aqueles indivíduos generosos que pretendem regenerar a humanidade. A parte meia dúzia de carteiristas inconscientes — inconsciência que a burguesia, com os seus intuios regeneradores, favorece, com a proposta falha de escolas, com o regime de propriedade privada, etc., etc., etc. — aparte essa meia dúzia de inconscientes, grande parte dos presos do Limeiro é constituída por indivíduos cujo crime é possuir ideias avançadas.

Sempre no generoso intuito de formar boas almas e homens úteis à sociedade, a república da Igualdade e da Fraternidade e da Liberdade — dentro das prisões — mantém no Limeiro uma atmosfera que corrompe as almas e tem falta de higiene que definha os corpos.

Quantas vezes aqui nos temos referido à maneira anti-higiênica como está montada a enfermaria, onde não há medicamentos e onde as seringas são de latão. A enfermaria, onde não há

medicamentos e onde as seringas são de latão.

A república que, se comemorou há dias, a república magra e esfuzilada como uma rãvera obscena, que está sempre de pernas abertas para receber todos os politiquinhos reles que pretendem gozalha, essa república prostituída, que os Pedros de Araújo vendem ao viandante que passa por quaisquer cincuenta milhõezinhos, entende que um preso, pelo facto de estar preso, deixe de pertencer à espécie humana.

Nós não protestamos, revoltamo-nos.

Não protestamos porque os protestos têm já sido tantos que convencidos estamos de que os governantes, os diretores de cadeias e outros protectores do povo, entregues ao entusiasmo delirante que o suíno sente ao chafurdar na lama, não podem de forma alguma ouvir a voz da razão.

Não protestamos porque entendemos que não devia haver prisões, nem melhores nem piores. Condenamos o regime prisional como factor da corrupção dos povos e estamos, no nosso papel revolucionário. Quando a ocasião se proporcionar — e venha ela — este mesmo que vai traçando, indignado, estas linhas indignadas, há de fazer todo o possível por obter o petróleo que aquela podridão a que chamam Limeiro, merece.

Agora, esses homens superiores, que tomaram a sua conta os destinos do povo e, não as praticando, pregam a virtude e a ordem — esses homens têm obrigações, pelo menos, de fazer do Limeiro, de todas as cadeias um lugar habitável, a que todo o mortal em direito.

Depois de ter recordado a sua ação durante e após a guerra, Jouhaux terminou por pedir a minoria a dissolução dos C. S. R., prometendo que neste caso renunciaria à sua candidatura de secretário da C. G. T.

Uma absolvição

Realizou-se ontem, com a presença do advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., dr. Sobral de Campos, o julgamento de Edmundo Augusto Mário, operário da Construção Civil que foi preso no dia 1º de Maio, na Avenida da Liberdade sob a acusação falsa de desrespeito à autoridade. As testemunhas de acusação não provaram, sendo o acusado absolvido, depois de ouvida a defesa do advogado.

A este não tiveram por onde pegar-lhe.

Intervenção de Mon-

mousseau

A dissolução dos C. S. R., disse Mon-mousseau, não é mais do que um pretexto para a cisão desejada há longos meses.

Os motivos para as exclusões tem mudado muitas vezes; primeiro foi a

comissão de ação sindicalista maioritária,

O pão de tipo único, decretado por toda a próxima semana, custará seis tostões o quilo.

O sr. Lelo Fortela pediu a demissão do cargo de governador civil.

em mangas de aranha

O Lelo voou

Há muito tempo que o menino governador civil aviador não dava um voo. Aterrrou no governo civil e por lá se conservou tempos infinitos. Aterrizei os serviços com um lixeiro, que a final de um grande negócio para a polícia, e parecia encontrar-se na disposição de nunca mais abandonar tal gosto lucrativo.

O imponente do Estado confessada involuntariamente pelo ministro — Um círculo vicioso

O pão barato — continua o sr. Aboim — custou ao estado a bagatela de 300.000 contos! Isto significa o aumento da circulação fiduciária, a consequente depreciação da moeda e a subida do custo da vida é de tal modo que o consumidor paga nos outros artigos a mais o que paga a menos no pão. O barateamento do pão, — triste é confessá-lo não significou o barateamento da vida.

O Estado perdeu, como lhe disse, 300.000 mil contos e o cambio subiu, passando todos a pagar por um preço mais elevado o que vem de fora.

E se fosse só a subida natural do câmbio. Mas é, também, a sua subida provocada artificialmente por uma especulação desenfreada.

O jornalista operário expôs ao ministro o pensamento operário. O Estado podia cortar verbas de duvidosa utilidade e da desociedade certa. A guarda republicana, com o seu orçamento pesado fantásticamente no orçamento geral, podia ter uma mais útil aplicação.

O ministro não obteve e a conversação, que sempre decorreu com serenidade e mútua delicadeza, caminhou para outro assunto.

Será decretado um único tipo de pão, ao preço

De 60 centavos

O sr. Aboim Inglês declarou-nos de chofre:

Brevemente será decretado o tipo único de pão.

— Ao preço...

— De sessenta centavos cada quilo.

— E a sua qualidade...

— E' excelente.

O ministro chamou um continuo, pediu-lhe, para trazer uns pães que estavam sobre a sua secretaria. O continuo partiu. O ministro continuou falando:

— Esse pão vem a custar ao Estado sessenta e seis centavos o quilo. Será vendido a 60 centavos, como lhe disse. O Estado perde 6 centavos. Ora Lisboa consome 270 toneladas de pão por dia.

O continuo voltou e entregou os pães ao ministro. Este mostrou-nos. Concordámos que a sua qualidade era excelente. Porém, o nosso scepticismo natural de quem teve sido sempre ludibriado com promessas explodiu na seguinte frase:

— E a Moagem não falsificará?

O ministro declarou-se disposto a castigar duramente a Moagem se ela mistificar os consumidores

— Não senhor, replicou-nos o ministro com energia. Estou disposto a reprimir com severidade todos os abusos.

O padaria que exercer falsificação será encerrada temporariamente e pagará uma multa pesada.

— E se for a Moagem que ordenar a falsificação?

— Será castigada com mais dureza do que as padarias.

O ministro voltou depois a falar nos encargos que acarreta ao Estado a fixação do seu preço em sessenta centavos.

Falou-nos de várias medidas que fencionava pôr em prática. Uma delas seria a venda de pão, para os restaurantes de luxo, mais caro. Seriam fabricados para eles uns pãesinhos pequenos, dum forma exquisita, feitos com a mesma qualidade de farinha. Esses pães seriam pagos por maior preço. Castigava-se assim o snobismo, tributando-o.

O ministro falou-nos da comissão que o estava esperando. Ergueu-nos. A entrevista terminou, afirmando novamente o sr. Aboim Inglês que teria sempre muito prazer em receber-nos. E o ministro afastou-se. O vulto esguio e gentil dactilográfica atravessou rapidamente a sala e apagou.

Ver na 3.ª página o nosso folhetim

A revolta da carne

Rebeldias

Atribui-se a Máximo Gorki o ter pre-

dito, a um jornalista que o entrevistou, o desaparecimento do comunismo da Rússia, fundamentando esse seu alegria nesse facto simples: «A grande massa constituida pelos campesinos é uma barreira que se opõe a todo o progresso.» Confirma isto a necessidade, que sempre tenho pregado e não me cansarei de proclamar, de lutar, sem trégua nem desfalcamento, contra o deplorável estado de ignorância do povo. Para realizar um movimento insurreccional, uma revolta, é suficiente sentir a inquietação e possuir um temperamento rebeldes. Mas isso não basta para organizar uma sociedade nova. Destruí e fáli, construir, e mais difícil. Para estabelecer uma sociedade livre e igualitária não basta querer, é indispensável saber como organizá-la.

Essa obra urgente de cultura popular não o podemos esperar do Estado. Há-de ser nossa própria obra. O que mais temem as classes dominadoras é que o povo trabalhador, por essas classes despojado dos seus direitos, se instrua. O ideal de todos os privilegiados seria que todos os deserdados fôssem analfabetos, completamente ignorantes, porque assim desapareceria o perigo de que chegasse a penetrar no coração das injustiças de que são vítimas e de que, com a compreensão, viesse o desejo de acabar para sempre com elas.

Por isso a emancipação intelectual dos trabalhadores, há-de ser também obra dos próprios trabalhadores.

Pinto QUARTIN

Não inutilizels A BATALHA.

Envialo aos vossos amigos, pa-

rentes ou conhecidos.

Podereis fazer, talvez, mil-

tantes

O CASO DO DIA

A questão dos passes

A G. N. R. ao serviço da Carris

Em Lisboa, esperavam-se ontem grandes acontecimentos pela supressão das assinaturas nos carros eléctricos, e foi este o caso do dia, que, de resto, estava previsto há muito tempo.

Em consequência andaram os carros constantemente guarnecidos por soldados da G. N. R., com as respectivas carabinas, não fôssem os assinantes provocar conflitos e alterar a ordem pública.

Os fôsforos Os fôsforos não temem caber; são feitos à im-

agem e semelhança dos governantes. Os fôsforos não ascendem, não dão luz; são uma imitação perfeita dos candeeiros da Companhia do Gas. Os fôsforos estão caros; pretendem competir com o bacalhau. E o operário Gabriel Machado entendeu e entendeu muito bem, que devia substituir-lhos por uma acentuada fôrma flamante.

— Olhe que eu passo a este senhor um recibo provando em que o multo é

Em 3200.

Escrivem num papelinho a importância da multa e rasparam com o dinhei- ro e com a acentualha — o patife.

Bate certo A Companhia Carris — lá volta ela à baixa — acabou com as assinaturas, porque entendeu que a viação eléctrica não se inventou para servir o público, mas antes para dar a ganhar muito dinheiro aos directores. A Companhia Carris pre- tendeu aos assinantes habituais, que tem paciência e não protestam, uma partida com os seus visos de immoralidade. Ora, os lesados podiam pedir a intervenção da fôrma para obrigar a Companhia a cumprir o seu dever. Mas pediu a Companhia ao governo a guarda, republicana para proteger a sua charlatanice. E o governo forneceu a guarda à bacalhau. Forteceu, por que o exército foi feito para defender os ladrões das revoltas populares. Bate certo.

Desde que arbitria e ilegalmente a Companhia deixou de cumprir essa cláusula, a Câmara Municipal tinha o dever de obrigar aquela a fornecer os bilhetes de assinatura a quem desejasse tomá-los, impedindo ou fazendo imediata circulação dos carros.

Ora, a Companhia concedesse as referidas assinaturas, independentemente do procedimento judicial correspondente pela sua falta de observância do contrato na parte sujeita.

— Ocorreu, porém, e contra o que era licito esperar, que a Câmara fez fracaçar a obra de socorro aos rios, com o receio de que, impedindo milhões de irmãos nossos de morrerem de fome, possam reforçar o regime bolchevista.

— Devo repetir que existe na Europa uma central de mentiras, cujo fim é fazer fracassar a obra de socorro aos rios, com o receio de que, impedindo milhões de irmãos nossos de morrerem de fome, possam reforçar o regime bolchevista.

LER A'MANHÃ.

A Questão do Próximo Oriente

As seculares preocupações da política britânica

Artigo de A. HAMON

Na Espanha

Guilherme Sheehan, figura proeminente do movimento operário dos Estados Unidos, voltou ao seu país depois dum passeio de oito meses pela Europa e Ásia.

Sendo ele, a Espanha está em vésperas da revolução. O governo não se atreve a enviar um exército bastante forte para Marrocos, porque iam depressa partirem as tropas, rebentaria a revolução na Catalunha.

A HUMANIDADE EM MARCHA

A RACA NEGRA QUER EMANCIPAR-SE

Os amigos de Diagne, que são uns amigos dos diabos, pretendem entravar o progresso humano — Negros de todo o mundo, uni-vos!

Continuaram em Paris, nos dias 4 e 5 de Setembro, as sessões do Congresso Pan-Africano que, como já vimos, tiveram em Bruxelas um encerramento tumultuário.

Foi na Rue Branca, na sede da Associação dos Engenheiros Civis Franceses que, pelas dez horas e meia da manhã do dia 4, começaram os trabalhos.

Muitos dos congressistas americanos que tomaram parte nas Assembleias Pan-Africanas de Londres e de Bruxelas desistiram de comparecer nas de Paris.

Não lhes agradou a maneira atrabilíaria e tirânica como Mr. Blaise Diagne orientou os trabalhos do Congresso no Palais Mondial e, por isso, assumindo tal altitude apenas tiveram em vista manifestar a sua completa discordância com os processos «diagnistas».

O operariado e os desportos

O que dissemos a um operário acerca da brutalidade de certos exercícios físicos

A meia noite, um operário entrou nesta redacção, aproximou-se da nossa banca de trabalho, olhou-nos silenciosamente meio minuto e perguntou-nos:

— Porque não consagra A Batalha uma secção dedicada à vida desportiva, tendente a vulgarizar entre o operariado o gosto pelo desporto.

— Porque um desporto meramente burguês, absolutamente anti-operário, prodigiosamente desmamado, só merece da nossa parte censuras violentas e justas?

— Então, o camarada, supõe que nos vamos atear essa enorme vaidade em que a burguesia arde e se consome, para a infiltrar no operariado, assim de nela ele também arder, também se consumir?

Pois o que são os concursos hípicos, os desafios de ténis, outros concursos e outros desafios, se não explêndidos pretextos para que uma burguesia, infinitamente snob e intúi, exiba teatralmente a sua vaidade?

O operário sorriu-se, descurou os braços e replicou-nos:

— O camarada, dominado pela suas ideias anti-desportivas, não atacou o desporto, nem respondem como desejaria, à minha pergunta. Ora a secção desportiva que A Batalha devia criar, seria para fazer um desporto operário, portanto anti-burguês.

Tinhamos começado por escutar pacientemente as delicadas observações do nosso camarada, mas esta altura não nos convivemos que não replicássemos:

— Engana-se quando afirma que nós estamos dominados pelas nossas ideias anti-desportivas. Somos incapazes de cometer semelhantes tolices. Temos até admiração pelo desporto, e confiamos que ele venha a dar aos que trabalham explêndidos benefícios.

Mas então, porque o combate?

— Erra notavelmente. Nós não combatemos o desporto. Queremos unicamente destruir o actual desporto, pela sua nocividade, e criar um sport utilitário.

O nosso visitante formulou nova interrogação:

— Mas qual é o desporto utilitário?

— Vamos devagar, metódicamente. Primeiro queremos provar-lhe a nocividade do desporto como ele actualmente é exercido. Depois dir-lhe-hemos o que entendemos sobre desporto utilitário. Tome o amigo por exemplo o futebol. O que é ele? para que serve?

Não será um jôgo eminentemente estúpido, que transforma o mais delicado dos homens num bruto, quânsa fera? Para que serve, retuimr-se num campo, viu e dois homens, magoando-se, pontapeando-se, agredindo-se, dominados pela fúria quânsa de mentada de fazer com que o seu club triunfe? Tudo esse esforço, todo esse inútil esbanjamento de energias, para que o seu club arrebata uma taça, para que uma multidão se apaixone até insultar os jogadores, e se agride mutuamente. Não esquecendo os inférmeiros bragos e as inúmeras pernas partidas. Pode classificá-lo de desenvolvimento físico, o esforço

viuadas para Juiz.

O descanso semanal

no comércio

Comerciantes transgressores A comissão da Associação de Classes dos Caixeiros de Lisboa encarregada da fiscalização da lei do descanso semanal desa colectividade, autuou por transgredirem a citada lei os seguintes comerciantes:

Miranda & Pereira, rua de Belém, 89, David Almeida Martins, Calçada da Ajuda, 81 a 83; A. J. Felgueiras, Calçada da Ajuda, 147; José da Silva Oliveira, rua do Cruzeiro, 170; Louro & Carvalho, rua do Cruzeiro, 187; Nicolau José Apolinário, rua do Cruzeiro, 143, 147; José António, rua do Cruzeiro, 79, 81. As participações foram envidas para Juiz.

8-10-1921 — Folhetim de A BATALHA — N.º 2

Romance inédito por MÁRIO DOMINGUES

AREVOLTA DA CARNE

PRIMEIRA PARTE

Ignorância dos pais, perdição dos filhos

CAPÍTULO I

Os novos-ricos

Interrompeu a predica obscena; descompôs a impudica professora; clamou alto e em bom som que não admitia que ensinasse indecenças à menina, e pôs a mestra na rua proferindo, exaltada, um palavrão tremendo dos seus tempos de peixeira. Cessaram então os estudos científicos de Lili.

Entretanto, o ensino de boas maneiras continuava a cargo de D. Teresa, que, confiando na sua experiência da vida, se julgava habilitada a indicar à filha o caminho da felicidade e da virtude. Consistia a tarefa da antiga peixeira em desvir todas as inclinações naturais de Leonor, em combater-lhe todos os gestos exponenciais, todas as demonstrações de sinceridade e franqueza.

Lili sentia-se humilhada. As suas mais justas intenções, os seus desejos mais caros eram, por sua mãe, considerados imorais, inestéticos e até retirada e só — se dirigia, sempre à mesma hora — ao seu quarto, a dormir. Leonor, em direção do elétrico e que todas

ABATALHA na província e arredores

Parede (Tires)

Mais um aniversário do bacalhau a patato

5 DE OUTUBRO

A questão do pão

Lava grande descontentamento entre as classes operárias pela escassez, mas fabrico e fácia de pão do pão.

No domingo passado reuniram-se em Parede os operários da concorrência, resolvendo reclamar ao administrador do concelho para que seja metido na ordem o padre da localidade. Este cavaleiro nega-se a pesar o pão e apresenta à venda uma miríade de extorsões.

Óxido que as entidades oficiais poderão fazer-lhe a lamentar qualquer exasperação, de futuro.

A expansão de "A Batalha"

Na citada sessão os oradores fizeram uma larga propaganda de A Batalha. Foram aludidos nestes arredores os cartazes do nosso

que foram encarregados pela administração de A Batalha (o nosso) camarada Artur Moreira Sabido, para proclamar a coragem das assinaturas em Parede, devendo todos os assinantes auxiliá-la na sua missão para aqui enviados.

Barreiro

7 DE OUTUBRO

O 5 de Outubro

A comemoração da implantação da República passou despercebida neste vila, com o tempo que já lá são! foi um mês, mês este republicano. De notável só alguma morteira que pidamente atraçou os arcos, cedendo, à hora em que os operários festejaram o dia da liberdade, fadigas da Véspera, sensação da sua vida de labuta. Acordaram, então, os amigos, foliões bem dolorosa a notícia de que o pão intragável, por vezes, passou a custar 60 centavos o quilo.

Magnífica comemoração!

Nada mais coincidente, nada mais propício.

Operários, combatentes de Monsanto fe

l. Rotunda neste momento solene e grá

o, brado comigo, a toda a força dos

nosso punhão envenenados: «viva a república!»

que nos produziram no

Conferência inter-sindi al

ferroviária

que chegaram a esta vila, de regresso do Porto, onde vieram reparar os ferrovias do Sul e Sueste, a Comissão Inter-

sindical, os camaradas Miguel Gómez, Piloto, Estrudo Júnior, Nobre Madruga, Margine Costa, Pereira Fernandes, Luís Lavalho, etc. Trazeram astros impressões e foram aguardados com aces-

tação pelos ferroviários. —

Faro

6 DE OUTUBRO

A crise do trabalho e a inépcia do operariado

As classes trabalhadoras, atravessam actualmente — ma tremenda crise de trabalho, muito melindrosa para a sua precava situação.

Este crise, origem principal dos agitos burgueses, privando milhares de criaturas da alimentação, não se pode tolerar por mais tempo e compete aos governos, diz-se, fazer a serio para estes graves problemas,

que aí se encontra o povo, porque é a sombra destes governos, compostos de homens incoerentes que para si se organizam, que se cometem todos as patifarias.

A classe trabalhadora daqui não pode manter-se na miséria, a despeito de que em que vive para com a U. S. Local, porque

e só é que é amanhã poderá, quando

todos os trabalhadores se compreenderem os seus deveres associativos, impõe-se com

urgência afrontar o patrónato

para garantizar ao trabalhador que venha possuir surgiç por quaisquer circunstâncias.

Quem é hoje, que trabalha, por muito ru-

que seja, não compreende que o seu

que vive para com a U. S. Local, porque

e só é que é amanhã poderá, quando

todos os trabalhadores se compreenderem os

seus deveres, o futuro e o bem estar dos

seus filhos?

E temos todos nós trabalhadores a certeza que enquanto internos desnudados conseguiremos e seremos sempre os deuses do nosso próprio lar, o escravo eterno dos ladrões da fúria e o alvo dos defensores incoerentes da podridão burguesa?

O figo

que é só de um importante esquema

que devia preocupar com urgência a U. S.

O dia de hoje é dia de despedida

do seu diretor, o figo, mas infelizmen-

te, segundo parece, permanecendo assim,

sem um gesto de revolta, perante o go-

verno, que não tem o direito de ser respeitado.

Que o povo é justo, é humano que o

é um dos mais preciosos bens dos

portugueses.

Por isso, que o figo saiu na sua totali-

dade, e o figo saiu na sua totalidade.

Terminado o jantar, aí pelas vinte horas,

os operários começaram a despedir-se

entre si, e os operários que ficaram

no barulho, que é grande, ficaram

a ouvir os gritos de despedida.

Assim sucedeu. Quando os homens sa-

íram, os operários que ficaram

no barulho, que é grande, ficaram

a ouvir os gritos de despedida.

Assim sucedeu. Quando os homens sa-

íram, os operários que ficaram

no barulho, que é grande, ficaram

a ouvir os gritos de despedida.

Assim sucedeu. Quando os homens sa-

íram, os operários que ficaram

no barulho, que é grande, ficaram

a ouvir os gritos de despedida.

Assim sucedeu. Quando os homens sa-

íram, os operários que ficaram

no barulho, que é grande, ficaram

a ouvir os gritos de despedida.

Assim sucedeu. Quando os homens sa-

íram, os operários que ficaram

no barulho, que é grande, ficaram

a ouvir os gritos de despedida.

Assim sucedeu. Quando os homens sa-

íram, os operários que ficaram

no barulho, que é grande, ficaram

a ouvir os gritos de despedida.

Assim sucedeu. Quando os homens sa-

íram, os operários que ficaram

no barulho, que é grande, ficaram

a ouvir os gritos de despedida.

Assim sucedeu. Quando os homens sa-

íram, os operários que ficaram

no barulho, que é grande, ficaram

a ouvir os gritos de despedida.

Assim sucedeu. Quando os homens sa-

íram, os operários que ficaram

no barulho, que é grande, ficaram

a ouvir os gritos de despedida.

Assim sucedeu. Quando os homens sa-

íram, os operários que ficaram

no barulho, que é grande, ficaram

a ouvir os gritos de despedida.

Serviço de livraria DE A BATALHA



Não me ralo!

Vou ali à Chapelaria Luzitana, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e dura, sólida, capaz de resistir a todos os vasos.

CHAPELARIA LUZITANA
Rua Arco Marquês de Alegrete, 51-54
LISBOA

SAÍDAL

Específico ideal e infalível que permite a todos regular o número de filhos na razão de bem os poder criar e educar para uma sociedade forte e feliz.

FARMACIA CABRAL, Suas. - PAM-PULHA - Lisboa - Peça correio 5600.

Nicolau Gomes Correia

Acaba de receber um grande sortido de chevios gênero-ingles, estambres, casimiras e alpacas a preços sem competência. Um enorme stock de casacos de alpaca já feccionados, assim como gabardines, parashores, sacos. Um grande sortido de kakis

AVIAMENTOS PARA ALFAIAES
Rua dos Fanqueiros, 255

A grande Baixa de Calçado
a Sapataria Social Operária

Sapatos em calfs preto para senhora 11000
Sapatos em verniz todos os modelos 20000

Botascalf-preto grandesaldo 21000

Botas calfs-preto com duas so-

las 22000

Grande saldo de botas pretas para homens 17000

Grande saldo de botas brancas 16000

Um colossal sortimento em calçado para crianças 15000

Grande saldo de botas de ecrã para homem a 23000

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 89

Queréis o vosso relógio concerto com garantia e por preço modico?

Levá-lo ao

33 de S.º André
actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33
(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO
E OURIVES
ALVES D'ANDRADE, Lda

COLECCOES:

A nossa secção de livraria acaba de pôr à venda as coleções seguintes:

de

A BATALHA
1.º e 2.º ano, 4 volumes encadernados, 50000

13 números \$50 o anual

de

de A SEMEANTEIRA
2.º ano da 2.ª série, \$50

Preve os sindicatos e outros organismos operários que desejem adquirir a coleção de A Batalha que o devem fazer com a necessária brevidade a fim de ter a referida secção poder dispor das pedidos individuais.

As despesas de correio ficam a cargo de quem fizer a encomenda

Belsaúde VITERI
Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes
Cura rapidamente

Catarras, defluxos, laringites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, branquias e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais pratico da medicina.

2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e por todos as pessoas que tem de superar ósculos diuidosos porque as defende de contágios perigosos.

3.º São usadas pelas pessoas edosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquite crônica, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permite-lhes sonhar.

4.º Limpa o pigarro, combate a rouquidão, aclara a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em público;

PODE ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a ação nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convive, evitando-o o cancro e o catarral gastrico.

6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito.

7.º Usadas pelos que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo saneia o ambiente e introduz-se em todas as cedulas das vias respiratórias, servindo-as das doenças contagiosas, tais como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, diphteria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo.

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos

Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1300

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.
Rua dos Fanqueiros, 84, I.º D.

Chapelaria A SOCIAL
Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lias e mescas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só n Cooperativ. A SOCIAL

Armeazem e escriptorio: Rua Fernandes da Fonseca, 25, I.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: — Rue dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.º Sucursal: — Rue do Corpo Santo, 29

3.º Sucursal: — Rue do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets
Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

Publicações sociológicas

(A venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Pelo correio

Adelino de Pinho, — Quem não trabalha não come..... \$50 \$55

Alfonso Schmidt, — O contrato de trabalho..... 2000 2830

Alfonso Schmidt, — Evangélio dos Livres..... 90 \$95

Antonelli, — A Rússia Boievista..... 1600 1810

Basilio Teles, — O estatuto dos postos..... 900 970

Biand, — A greve geral..... 125 125

Campos Lima, — O movimento operário em Portugal..... 900 970

Carlos Rates, — A ditadura do Proletariado..... 900 970

Carneiro da Mota, — O socialismo e o capitalismo..... 1600 1800

Costa dos Santos, — A questão operária e o sindicalismo..... 900 955

Charles Albert, — O amor livre..... 1800 1810

Content, — Contra o confusionalismo..... 900 915

Dalglisch, — Os financeiros, os políticos e a guerra..... 900 915

Dilásila, — A Confederação do trabalho..... 1600 1800

Domela Nieuwenhuis, — A Humanidade..... 900 905

Fontenelle, — A Revolução Russa..... 900 905

Gomes Costa, — As ideias sociais e o comunismo..... 2000 2820

Malatesta, — A política parlamentar no movimento socialista..... 900 905

Marcelo Ribeiro, — Na linha do socialismo..... 900 950

Marx, — O Capital..... 1800 1870

Metzner, — A verdade acerca da revolução russa..... 900 900

Nietzche, — A obra operária..... 900 905

Nitti, — A política da União Soviética..... 1800 1810

Ortega, — A classe operária..... 900 905

Piaget, — A caminhada da união..... 900 905

Prat, — A organização da classe operária..... 900 905

Rousseau, — O contrato de trabalho..... 900 905

Santos, — A transformação da sociedade pelo sindicalismo..... 900 918

Tolstoi, — A confissão..... 900 905

Trotsky, — A Confederação Geral do Trabalho..... 900 955

Trotsky, — Constituição política da república dos Sóviets..... 900 915

Uma das..., — A moral anarquista..... 900 915

Um dos..., — O socialismo..... 900 905

Um dos..., — O socialismo..... 900 905